A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

PATRÍCIA ARRUDA DO CARMO

RESUMO
A contação de histórias, ao engajar a imaginação das crianças, permite a exploração de novas ideias e a resolução de problemas pelas ações das personagens, o que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional. A prática de contar histórias, quando realizada de forma intencional e bem planejada, pode transformar-se em uma ferramenta pedagógica poderosa que vai além do mero entretenimento, proporcionando experiências enriquecedoras que promovem o aprendizado. A formação dos professores para essa tarefa específica e a adequação dos métodos de contação de histórias às diferentes faixas etárias e contextos sociais das crianças são aspectos que merecem maior destaque, de modo que a habilidade do professor em transcender o papel de mero transmissor de informações e se tornar um facilitador ativo da experiência narrativa é fundamental, mas a descrição de como alcançar isso de forma prática e realista é limitada. Isso implica que o professor deve ser capaz de adaptar suas estratégias às necessidades e interesses das crianças, promovendo um ambiente de aprendizado que seja tanto engajador quanto educativo. O desafio está em como implementar essas práticas de forma efetiva e consistente em diferentes contextos educacionais, garantindo que todas as crianças possam se beneficiar das potencialidades da contação de histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de Histórias; Prática Pedagógica; Educação Infantil.

ABSTRACT:
Storytelling, by engaging children's imaginations, allows for the exploration of new ideas and the resolution of problems through the actions of characters, which is fundamental for cognitive and emotional development. When done intentionally and well-planned, storytelling can become a powerful pedagogical tool that goes beyond mere entertainment, providing enriching experiences that promote learning. Teacher training for this specific task and the adaptation of storytelling methods to different age groups and social contexts are aspects that deserve more emphasis. The teacher's ability to transcend the role of a mere transmitter of information and become an active facilitator of the narrative experience is crucial, but practical and realistic descriptions of how to achieve this are limited. This implies that teachers must be able to adapt their strategies to the needs and interests of the children, fostering a learning environment that is both engaging and educational. The challenge lies in how to implement these practices effectively and consistently across different educational contexts, ensuring that all children can benefit from the potential of storytelling.

KEYWORDS: Storytelling; Pedagogical Practice; Early Childhood Education

INTRODUÇÃO

Este estudo busca explorar a importância da contação de histórias para o desenvolvimento e aprendizado na Educação Infantil, ressaltando a necessidade de estratégias eficazes por parte dos professores para assegurar o sucesso desta prática. Por meio da adoção de métodos que estimulem o interesse das crianças e incentivem sua participação, a contação de histórias pode integrar de maneira enriquecedora a imaginação e a realidade.

A contação de histórias na Educação Infantil exerce um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, proporcionando um espaço em que a imaginação se torna essencial na resolução de conflitos internos. Quando ouvem uma história, as crianças têm a oportunidade de transformar as ações dos personagens em soluções para seus próprios desafios pessoais, utilizando essas narrativas para lidar com suas experiências reais (BUSATO, 2010).

Para garantir a eficácia da contação de histórias, é necessário que a prática seja realizada de forma intencional, combinando diversão e aprendizagem para atrair o interesse

dos pequenos ouvintes. Nesse processo, o professor deve se empenhar em narrar as histórias de maneira envolvente, dando vida aos personagens e conferindo significado às palavras por meio da entonação vocal e da participação ativa das crianças (FERREIRA, 2009).

Além disso, a contação de histórias contribui para a interpretação e compreensão dos textos pelas crianças, ajudando-as a formar opiniões, respeitar as interações sociais e expressar emoções. Esta prática, ao integrar a imaginação com a realidade, enriquece a experiência educativa e desempenha um papel significativo na formação da criança (RIBEIRO, 2015).

O estudo objetivou analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil. Os objetivos específicos incluíram: identificar as características e a evolução da contação de histórias; relacionar sua importância para a infância; e avaliar as estratégias docentes para promover o sucesso dessa prática.

A relevância deste trabalho está na compreensão de como a contação de histórias pode fomentar o desenvolvimento de habilidades essenciais nas crianças, apesar de sua natureza não ser exclusivamente pedagógica, mas também de entretenimento. O professor deve transformar a contação de histórias em uma experiência significativa, despertando o interesse dos alunos por meio de narrativas cativantes e permitindo que a imaginação das crianças faça parte do processo, promovendo momentos de suspense e continuidade que incentivam a participação ativa.

A metodologia empregada foi a revisão bibliográfica, que possibilitou a construção de ideias com base em estudos anteriores de diversos autores sobre os temas abordados.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias, uma prática que precede o desenvolvimento da escrita, tem suas raízes na tradição oral. Desde os primórdios da civilização humana, essa prática desempenhou um papel importante na preservação e transmissão da cultura e do conhecimento entre gerações, sem a necessidade de registro formal. Inicialmente, a contação de histórias era uma ferramenta essencial para a transmissão de experiências e saberes, destacando o contador de histórias como um guardião da sabedoria e da cultura (GARCÍA, 2010).

A importância da contação de histórias é exemplificada pelas tradições dos povos indígenas. Nessas comunidades, os círculos ao redor da fogueira eram momentos de compartilhamento de sabedoria e tradições, com o pajé atuando como o principal contador de histórias. Este papel era fundamental para a preservação dos costumes tribais e a formação das novas gerações (OLIVEIRA, 2013).

A figura do pajé exemplifica a integração entre a narração e a função pedagógica da contação de histórias, demonstrando como o ato de contar histórias pode ser central na formação e coesão cultural.

Com a evolução dos tempos, a contação de histórias passou a assumir diversos propósitos conforme as necessidades das comunidades. No contexto religioso, por exemplo, histórias foram utilizadas para transmitir ensinamentos sobre moralidade e normas religiosas, desempenhando um papel fundamental na consolidação das tradições e hierarquias eclesiásticas. A prática oral, portanto, adaptou-se às exigências sociais e culturais, refletindo a evolução da função da narrativa ao longo dos séculos (BUSATO, 2010).

O advento da escrita e a fragmentação das sociedades trouxeram novas dinâmicas para a contação de histórias. Embora a oralidade continuasse a ser uma prática valiosa, a documentação das histórias tornou-se mais comum. Contadores de histórias passaram a ser valorizados não apenas por suas habilidades orais, mas também pela capacidade de transpor suas narrativas para o formato escrito, enriquecendo ainda mais a prática (CALDIN, 2012).

Originalmente voltada para um público adulto, a contação de histórias abordava uma ampla gama de temas, incluindo aspectos da vida cotidiana e erotismo. No entanto, com o tempo, a prática começou a ser adaptada para atender às necessidades das crianças. As narrativas foram ajustadas para capturar o interesse infantil e promover o desenvolvimento da imaginação e do aprendizado, com ênfase em histórias que

facilitam a compreensão e o engajamento das crianças (BUSATO, 2010).

Na Educação Infantil, contos de fadas emergem como uma forma eficaz de explorar temas como heróis, princesas e vilões. Esses contos oferecem às crianças uma maneira mágica de desenvolver habilidades cognitivas e emocionais (SILVA, 2012).

Segundo Borges (2010), a escuta de contos de fadas permite à criança criar um mundo imaginário que influencia sua realidade, ajudando-a a processar e entender suas próprias experiências.

A contação de histórias é uma prática pedagógica fundamental que promove a exploração e externalização de necessidades e medos infantis, além de contribuir para a resolução de problemas por meio da imaginação. Esta prática é essencial para o desenvolvimento da identidade social e cultural das crianças, facilitando a compreensão de situações complexas e ajudando na construção de sua visão de mundo (BUSATO, 2010).

No entanto, a prática da contação de histórias enfrenta desafios na sociedade moderna, com o crescente impacto das mídias digitais e outras formas de comunicação que oferecem alternativas imediatas e visuais para as crianças. Esses novos meios podem influenciar negativamente o desenvolvimento da imaginação infantil, tornando ainda mais relevante a necessidade de uma prática efetiva de contação de histórias (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com Vigotski:

A psicologia denomina imaginação ou fantasia a essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência pressupõe com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia, tudo o que não é real, que não corresponde a realidade e, portanto, não pode ter qualquer significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a cientifica e a técnica. Neste sentido necessariamente tudo o que cerca foi feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKY, 2018, p.16).

Portanto, para a eficácia da contação de histórias, é imprescindível que o contador se prepare adequadamente, conheça bem a narrativa e estabeleça uma conexão envolvente com o público. A escolha apropriada das histórias, bem como a interpretação e adaptação às necessidades pedagógicas e emocionais das crianças, são aspectos cruciais para alcançar os objetivos educativos.

A seleção das histórias deve ser adequada à faixa etária das crianças. Para crianças até dois anos, são recomendadas histórias curtas, ilustradas com imagens coloridas e acompanhadas por brinquedos que mantenham a atenção dos pequenos (GARCÍA, 2010).

Para a faixa etária de três a seis anos, narrativas que incluam elementos fantásticos, ações repetitivas e personagens reconhecíveis são mais eficazes. Os contos de fadas, em particular, servem como ferramentas valiosas para o aprendizado e a diversão (COSSON, 2010).

Portanto, a contação de histórias representa um elemento essencial no desenvolvimento infantil, promovendo a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e a construção da identidade cultural. A prática deve ser planejada e adaptada com cuidado para maximizar seus benefícios educacionais e emocionais, garantindo que continue a ser uma ferramenta poderosa no processo de aprendizagem das crianças (OLIVEIRA, 2013).

A contação de histórias na Educação Infantil

A partir de uma breve análise histórica da Educação Infantil é possível observar a evolução das práticas educacionais e suas mudanças ao longo dos séculos. O surgimento da sociedade moderna no século XVI reflete em transformações significativas nos fundamentos da educação infantil, evidenciando o avanço das concepções sociais, morais, econômicas, culturais e políticas. Esse contexto histórico é fundamental para compreender a evolução da Educação Infantil, pois demonstra como as mudanças sociais influenciaram as práticas educacionais, desde as abordagens mais tradicionais até as mais modernas e inclusivas (VALE E SOUZA, 2014).

A regulamentação da Educação Infantil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) reforça a importância dessa etapa como a base para o desenvolvimento integral da criança, marcando um avanço na institucionalização e formalização do cuidado e da educação infantil no Brasil (CALDIN, 2012).

Com o início do século XVII ocorreu o surgimento das primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas, o que indica um reconhecimento crescente da importância da educação desde os primeiros anos de vida. Embora o movimento em favor de uma educação mais estruturada para crianças tenha começado tardiamente, as mudanças na percepção da infância provocaram uma reavaliação do papel das crianças na sociedade e na educação. A transformação das práticas educacionais, impulsionada por uma crescente valorização da infância, reflete uma mudança significativa em como a sociedade entende e aborda o desenvolvimento infantil (AMARAL, 2014).

Com o tempo, o papel das creches tornou-se essencial devido à entrada das mulheres no mercado de trabalho, evidenciando a necessidade de instituições que cuidassem e educassem as crianças. O texto menciona o Movimento das Escolas Novas após a Primeira Guerra Mundial, que se destacou por defender uma abordagem pedagógica centrada na experiência da criança em vez de na mera memorização de conteúdo. Esse movimento foi fundamental para mudar a visão da escola como um mero preparatório para a vida, promovendo uma abordagem mais centrada nas necessidades e interesses das crianças e contribuindo para uma educação mais significativa e envolvente (FERREIRA, 2009).

O reconhecimento de que a criança deve ser vista como um ser ativo e capaz de construir conhecimento foi um passo importante para a evolução da Educação Infantil, de modo que a interconexão entre todas as partes do sistema educacional, evidenciam a importância de um ambiente escolar acolhedor e integrador. Além disso, a colaboração entre família, comunidade e escola é essencial para proporcionar um desenvolvimento infantil pleno, refletindo uma visão mais holística e inclusiva da educação (COSSON, 2010).

O percurso histórico da educação revela uma transformação significativa na percepção da infância ao longo dos séculos. Historicamente, a infância era vista como um período de preparação para a vida adulta e profissional, onde as crianças eram tratadas como adultos mirins. A formação estava centrada na necessidade de que os filhos seguissem os exemplos e posturas dos pais e outros adultos como modelos de sucesso (CALDIN, 2012).

Durante esse período, a contação de histórias desempenhava um papel fundamental na transmissão de saberes, sendo uma prática utilizada para preparar as crianças para a vida adulta. Os adultos transmitiam suas experiências e conhecimentos por meio de narrativas voltadas para a formação de futuros adultos capacitados para o mercado de trabalho, sem oferecer às crianças a experiência de atividades próprias da infância (BORGES, 2010).

Somente a partir do século XIII que a infância começou a ser reconhecida como uma fase importante para o desenvolvimento do indivíduo. Nesse contexto, os contos e histórias começaram a ser adaptados para uma linguagem mais adequada às crianças, incorporando elementos de fantasia e simbolismo que refletissem o universo infantil (VALE E SOUZA, 2014).

Apesar dessa evolução inicial, as crianças que frequentavam as escolas no passado eram atendidas de maneira assistencialista, recebendo cuidados básicos de saúde e segurança, enquanto seus familiares trabalhavam. Esse modelo de educação infantil era precário e não contribuía significativamente para o desenvolvimento de habilidades essenciais (NEDER, 2011).

A Constituição Federal de 1988 marcou um ponto de inflexão ao reconhecer a importância da Educação Infantil como fundamental para o desenvolvimento das crianças. Esse reconhecimento incentivou a pesquisa e a implementação de modelos e métodos que visassem a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, com foco nas necessidades infantis (CALDIN, 2012).

Com a Constituição de 1988, o Estado assumiu a responsabilidade de garantir a educação para crianças de até seis anos, valorizando a Educação Infantil e alterando as

concepções sociais e políticas sobre a importância do desenvolvimento infantil. Esse avanço afastou o caráter assistencialista da educação e iniciou um processo de ensino-aprendizagem mais estruturado (VALE E SOUZA, 2014).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, consolidou a Educação Infantil como a fase inicial da escolarização, estabelecendo diretrizes curriculares voltadas para o desenvolvimento integral das crianças. Esse marco legislativo visou potencializar habilidades infantis em aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais (FERREIRA, 2009).

O entendimento contemporâneo é de que o desenvolvimento infantil se beneficia de etapas enriquecidas com informações claras e apropriadas para a compreensão das crianças. A assimilação e experimentação, facilitadas pela imaginação, são essenciais para transformar a fantasia em algo significativo e educativo (NEDER, 2011).

Portanto, a contação de histórias na infância deve incorporar uma linguagem adequada e situações que facilitem a associação entre fantasia e realidade. As histórias devem ser cuidadosamente selecionadas para oferecer uma base sólida de conhecimento e promover o desenvolvimento infantil de forma natural e enriquecedora (CALDIN, 2012).

A presença da contação de histórias nos diferentes contextos da vida da criança contribui para o desenvolvimento, aprendizagem e formação de maneira integrada. Histórias bem escolhidas e narradas proporcionam uma experiência enriquecedora, ampliando o vocabulário, o conhecimento cultural e as habilidades cognitivas das crianças (BORGES, 2010).

Além disso, a contação de histórias pode ser uma ferramenta de distração e entretenimento, desde que não seja seu único propósito. É fundamental que os contadores escolham histórias apropriadas para a faixa etária e utilizem diferentes métodos de narração para engajar as crianças, promovendo o desenvolvimento da oralidade, socialização e capacidade cognitiva (VALE E SOUZA, 2014).

As histórias, especialmente os contos de fadas, oferecem às crianças a oportunidade de explorar um novo mundo, enriquecendo seu vocabulário e permitindo o conhecimento de outras culturas. Essas narrativas ajudam as crianças a entender conceitos de bem e mal, desenvolver habilidades críticas e criar mecanismos para resolver problemas (SILVA, 2012; FERREIRA, 2009).

A contação de histórias ainda promove a leitura em fases posteriores da vida, incentivando o prazer pela leitura e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas e interpretativas. O interesse despertado na infância pode influenciar a busca pela leitura como um recurso de aprendizagem ao longo da vida (CALDIN, 2012).

Por fim, a contação de histórias favorece o desenvolvimento de valores éticos, a organização de ideias e a interação social. A experiência de ouvir histórias contribui para a construção de autoestima, sentimento de pertencimento e cooperação social, preparando a criança para se tornar um jovem crítico e consciente (NEDER, 2011; FERREIRA, 2009).

A contação de histórias como prática pedagógica

A Educação Infantil desempenha um papel fundamental na formação das crianças, e os professores são responsáveis por selecionar estratégias de aprendizagem que promovam o engajamento e o interesse dos alunos. Para crianças até os seis anos, a imaginação do professor se torna uma aliada essencial na facilitação do conhecimento e na exploração do mundo infantil. Métodos dinâmicos e criativos são indispensáveis para conduzir o processo educativo (COSSON, 2010).

Neste cenário, a adoção de estratégias de ensino que incluam situações lúdicas é importante para garantir uma aprendizagem significativa. A contação de histórias emerge como uma ferramenta pedagógica poderosa, particularmente nesta fase inicial da escolarização. Por meio da combinação da imaginação com a realidade, a contação de histórias permite que as crianças interpretem e compreendam os contos narrados, enriquecendo sua experiência de aprendizagem (RIBEIRO, 2015).

A prática de contação de histórias pode ser enriquecida com a utilização de materiais diversos, como livros ilustrados, imagens,

desenhos, recortes, painéis, dobraduras, teatros e fantoches. Esses recursos proporcionam diferentes formas de interação e enriquecem a experiência de aprendizagem. Por exemplo, a utilização de fantoches para representar personagens de um conto pode aumentar a participação e o engajamento das crianças. Um professor que utiliza fantoches para encenar a história de "A Lebre e a Tartaruga" pode criar uma experiência imersiva, permitindo que as crianças visualizem e participem ativamente da narrativa (SILVA, 2012).

Além disso, a manipulação de materiais e jogos é fundamental para a assimilação das atividades. A experimentação, pela criação de cenários e representações gráficas, transforma conceitos em significados tangíveis. Por exemplo, ao ensinar sobre os diferentes tipos de animais e seus habitats, o professor pode criar um cenário com figuras de animais e elementos naturais, permitindo que as crianças construam seu próprio mundo com materiais recicláveis e desenhos (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

A eficácia da contação de histórias também depende da preparação e da adaptação da narrativa às características e ao vocabulário da faixa etária das crianças. A seleção da história deve considerar a capacidade de compreensão dos alunos, e o professor deve planejar pausas para destacar passagens importantes e discutir palavras novas. Em uma atividade de contação sobre "O Patinho Feio", o professor pode interromper a narrativa para explicar termos como "diferença" e "aceitação", usando imagens e exemplos da vida cotidiana (AMARAL, 2014).

Além de preparar a história, o professor deve se apropriar dela para evitar surpresas e garantir uma narração fluida. A criação de cenários e a caracterização dos personagens devem ser imaginativas. Um exemplo é a adaptação de "Chapeuzinho Vermelho" com a adição de adereços como chapéus e capas, que ajudam a visualização e a imersão na história, tornando-a mais envolvente para as crianças (COSSON, 2010).

A escolha de locais apropriados para a contação de histórias, como uma roda de conversa preparada, é fundamental para a eficácia da atividade. Espaços adaptados, com iluminação adequada e recursos visuais, como um cantinho da leitura decorado com temas da história, podem contribuir para a participação ativa das crianças e minimizar distrações. A criação de um ambiente acolhedor e temático, como um castelo dos contos de fadas, pode transformar o momento da leitura em uma experiência mágica e atraente (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

A prática contínua da contação de histórias é essencial para enriquecer o vocabulário infantil e criar uma expectativa positiva em relação à atividade. Além de ser um meio de entretenimento, a contação de histórias oferece significados e conhecimentos valiosos. Por exemplo, a leitura regular de contos pode ajudar as crianças a compreender conceitos abstratos como amizade, coragem e solidariedade, promovendo o desenvolvimento emocional e social (COSSON, 2010).

O entusiasmo do professor, demonstrado por meio de entonações variáveis e expressões faciais, também é fundamental para transmitir o amor pela leitura e estimular o interesse das crianças (MORENO, 2009).

A contação de histórias é uma prática pedagógica enriquecedora que combina brincadeira e aprendizagem. Técnicas como cantigas, rimas e mímicas podem tornar a narrativa mais prazerosa e educativa. A utilização de cantigas como "A Dona Aranha" durante a contação de histórias sobre animais pode envolver as crianças na atividade, permitindo que elas participem ativamente por gestos e movimentos (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

No contexto da Educação Infantil, onde a linguagem verbal é importante, a contação de histórias e os jogos infantis são momentos valiosos para o desenvolvimento da comunicação, imaginação e interação social (RIBEIRO, 2015).

Ao escolher a contação de histórias como uma estratégia pedagógica, o professor deve considerar a adequação da narrativa à faixa etária, explorar novas culturas e tradições, e estar atento às preferências e necessidades das crianças. Isso garante que a atividade seja adaptada conforme o amadurecimento das crianças, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, psíquico e linguístico e formando leitores e cidadãos críticos (SILVA, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo revelou a importância da contação de histórias no contexto da Educação Infantil, evidenciando seu papel essencial na aquisição de conhecimento por meio de práticas dinâmicas e significativas que harmonizam a imaginação com a realidade das crianças. Este processo não apenas engaja os pequenos, mas também facilita uma aprendizagem profunda ao tornar a experiência educativa mais envolvente e significativa.

A prática de contar histórias é uma tradição ancestral que remonta a tempos anteriores à invenção da escrita. As comunidades primitivas utilizavam essa forma de transmissão oral para preservar e perpetuar a cultura e os costumes de suas sociedades. As histórias contadas ao redor das fogueiras serviam para compartilhar experiências e valores, assegurando que as futuras gerações continuassem a vivenciar e a manter as crenças e tradições dos seus antecessores.

Com o advento dos livros e registros escritos, a narração de histórias passou a incorporar aspectos mais elaborados e estruturados. Isso levou os contadores de histórias a reinventarem suas técnicas para manter o interesse e a atenção do público infantil. Adaptação da linguagem e simplificação das narrativas tornaram-se essenciais para captar e reter a atenção das crianças, que ainda estão em processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão textual.

A partir de estudos e pesquisas ao longo das décadas, a contação de histórias foi reconhecida como uma prática pedagógica vital para a Educação Infantil. Essa prática não só enriquece o vocabulário e as habilidades cognitivas das crianças, como também promove o desenvolvimento da imaginação, a capacidade de resolução de problemas e a expressão emocional. A narrativa ajuda as crianças a processar e entender suas próprias experiências e sentimentos, apoiando-se nas situações fictícias para refletir sobre sua realidade.

Portanto, a contação de histórias deve ser realizada de maneira intencional e estruturada para maximizar seus benefícios pedagógicos. O sucesso dessa prática depende da habilidade do contador de histórias em transformar a leitura em uma experiência cativante. O educador precisa preparar-se adequadamente, escolhendo e estudando o conto com antecedência, para garantir que a narrativa ressoe com o público infantil e mantenha seu interesse ao longo da sessão. O ambiente de contação também desempenha um papel fundamental. Um espaço organizado e adaptado pode contribuir significativamente para a atenção das crianças, tornando a experiência mais imersiva. Além disso, atividades complementares como encenações ou ilustrações podem aprofundar a compreensão e a interação com a história, permitindo que as crianças se envolvam de maneira mais significativa com o conteúdo apresentado.

Sendo assim, a contação de histórias deve transcender a simples transmissão de informações para se tornar uma prática educativa que fomente a construção de significados pessoais e coletivos. O professor deve ir além da função de mero transmissor de conteúdo, incentivando as crianças a explorar, interpretar e internalizar as histórias de forma que integrem a fantasia com a realidade, promovendo assim um desenvolvimento integral que abarque aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. M. O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos. 19ª ed. São Paulo: Senac, 2014.

BORGES, A. G. Leitura: o mundo além das palavras. 2ª ed. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

BUSATO, C. A Arte de Contar Histórias no século XXI. 11ª ed. Petrópolis, RJ: 2010.

CALDIN, C. F. Oralidade e escritura na literatura infantil: Referencial teórico para a hora do conto. Revista da Educação Infantil, n. 13. p. 25-38, 2012. Disponível em: http://www.periódicos.ufsc.br/. Acesso em: 12 set. 2024.

COSSON, R. O espaço da literatura na sala de aula. 15ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FERREIRA, A. Contar histórias com arte e en-

sinar brincando: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. 1ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

GARCIA, S. G. Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário. Revista Alfabetização Básica, v,11, n.19, 2010. Disponível em: http://www.alb.com.br/cole3642.pdf. Acesso em 12 set. 2024.

MORENO, L. A. O lúdico e a contação de histórias na educação infantil. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.10, n.97, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/cadernosdepesquisa/1984-9851.pdf. Acesso em 02 set. 2024.

NEDER, D. M. A importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.01, n.01, 2011. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/pedagogiacao/article/view.pdf. Acesso em 02 set. 2024.

OLIVEIRA, A. F. C. Reflexões, implicações e importância do hábito de ler, escrever, ouvir e falar nos anos iniciais do ensino fundamental. In. OSÓRIO, A. M. Práticas Pedagógicas: saberes dos professores na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. 3ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013.

RIBEIRO, J. Ouvidos dourados: a arte de ouvir as histórias para depois contá-las. 3ª ed. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2015.

SILVA, M. B. C. Contar histórias uma arte sem idade. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2012.

SOUZA, L.O.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. Revista de Educação, v. 6 n.
12, 2011. Disponível em: http://erevista.unioeste.br/educereeteducare/article/4891/html. Acesso em 04 set. 2024.

VALE, W. N.; SOUZA, J. A. Trocando olhares: o letramento e as perspectivas para a educação. Curitiba: CRV, 2014.

VIGOTSKY, L S. Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico livro para professores. São Paulo: Expressão Popular, 2018.